



Alegações finais D. Duarte Pio DUQUE DE BRAGANÇA

“Os príncipes fazem casamentos democráticos”

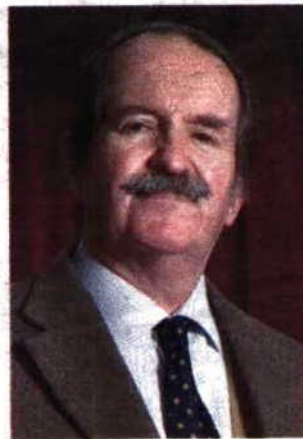
SUSANA SALVADOR

Esta semana, a Casa Real sueca anunciou o noivado da princesa herdeira Vitória com o seu antigo treinador pessoal, Daniel Westling. Está a tornar-se moda na Europa os casamentos reais com plebeus...

As monarquias são modernas em todas as épocas e defendem os valores que são importantes para cada época. Se os casamentos entre famílias reais eram considerados fundamentais no passado para estabelecer alianças entre os vários países, evitar guerras criando alianças, o que as monarquias pretendem defender hoje é sobretudo os valores modernos, como a democracia. Portanto, os príncipes e princesas fazem casamentos democráticos, porque é o valor da nossa época. Na Idade Média os reis tinham que ser guerreiros, iam à frente das tropas, comandavam as batalhas, na Renascença defendiam as artes e a cultura. Hoje defendem a democracia. É um sinal dos nossos tempos.

Mas há muitos defensores de uma monarquia à moda antiga que não concordam com estes casamentos...

Sim, há os defensores de uma tradição, mas há também um povo inteiro. Os reis têm que prestar atenção é ao que o povo diz. E parece-me que os suecos ou os holandeses até gostam deste tipo de ligações. Portanto, eles não estão a contrariar o seu povo. O grande problema na Holanda,



ORLANDO ALMEIDA

“Há os defensores da tradição, mas os reis têm que prestar atenção ao povo. Não estão a contrariá-lo”

por exemplo, foi o facto de a princesa que casou com o herdeiro ser filha de um antigo ministro da ditadura argentina. Isso é que estava a preocupar os holandeses. No caso de Espanha, a maior polémica era por a princesa Letizia ser divorciada. **Então o facto de não terem sangue azul já não importa. Só o passado?**

Exactamente. Em cada época as monarquias vão mudando e adaptam-se às diferentes realidades. Os ingleses gostam muito de carruagens e cerimónias solenes, mas na Holanda os holandeses gostam muito de ver a sua rainha a andar de bicicleta na rua. Isso seria incompreensível na Inglaterra.

Como é que reagiria se um dos infantes optasse por casar com alguém sem sangue real?

Vamos ver como o país está nessa altura, como está a realidade portuguesa. Espero que os meus filhos tenham o bom senso de fazerem casamentos que estejam de acordo com a sua fé espiritual, em pri-

meiro lugar, e, em segundo lugar, que seja uma boa contribuição, uma mais-valia para Portugal. Além de ser sobretudo para a sua própria felicidade.

O mais importante é o amor?

É a felicidade duradoura, que é mais importante que uma paixão súbita e passageira. ■